

RESUMO PARA COMUNICAÇÃO (ORAL/SINALIZADA) - RECEPÇÃO DE  
TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO

**EDITORAS E A PRODUÇÃO EPISTEMOLÓGICA NA SOCIEDADE:  
COMPANHIA DAS LETRAS E PENGUIN RANDOM HOUSE**

*Hislla Suellen Moreira Ramalho (hisllasuellen@gmail.com)*

A editora Companhia das Letras fundada em 1986 teve seu primeiro lançamento *To the Finland Station: A Study in the Writing and Acting of History* de Edmund Wilson traduzido por Paulo Henriques Britto para o português brasileiro como *Rumo à Estação Finlândia*. Essa primeira publicação-tradução foi um sucesso, o que elevou, conseqüentemente, as vendas desse e dos outros 47 títulos lançados no primeiro ano (1986). E, assim, a empresa despontou no mercado editorial e é atualmente creditada nacional e internacionalmente. Em 2018, 70% de suas ações foram adquiridas pela Penguin Random House, o maior grupo de publicações do globo. Considerando as questões de colonialidade levantadas por Quijano (200), poder simbólico debatidas por Bourdieu (1989), a república das letras discutidas por Casanova (2002) e soft power cunhado por Nye (2004), esta comunicação tem como escopo refletir sobre os papéis das editoras Companhia das Letras e Penguin Random House como grandes impulsionadoras, divulgadoras de obras e autores o que, conseqüentemente, as fazem emergir como influenciadoras

sociais, exercendo poder sobre a construção epistemológica da sociedade brasileira e internacional. Além disso, a partir de pesquisa de doutorado conduzida dentro da Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina na qual são analisados os processos editoriais considerados camadas de poder (se pensamos desde a publicação até a tradução e distribuição do manuscrito) é possível observar como a tradução tem papel fundamental para existência e funcionamento de tais empresas. Não resumindo a atividade tradutória a apenas um transporte, e sim a considerando um ofício que atravessa o tempo e espaço e influenciada por aspectos extraliterários, propomos aqui a reflexão sobre o poder do mercado editorial em dizer ou não quais vozes são necessárias de ser ouvidos e quais não, associamos então essa ideia ao texto de Spivak (2010) *Pode o Subalterno Falar?* e até que ponto seu discurso linguagem é autorizado? De fato, vamos ao encontro da afirmação de Bourdieu (1996) quando diz que "escutar é crer" (p. 6). Questionamos, portanto, qual o tipo de conhecimento consumimos e de onde a produção-publicação epistêmica vem quando falamos de tradução? Quais vozes ouvimos?

Palavras-chave: companhia das letras; Penguin Random House; tradução e poder; mercado editorial; construção epistemológica.